

Porque foi assim, Vera Tomaz de Lima, que nós com o Almino estivamos lá. E o Fausto o recebeu em São Miguel Paulista tantas vezes, ele que era apaixonado por você e nós todos que partilhávamos com você, Almino, o seu jeito contagiante de ser inspirador.

O Hélio está ali, está certo. E o Hélio, ao lado do Mário Liboni, do jovem Dimas Ramalho, éramos do time do Chopen, que lá na Madre Theodora estávamos junto na campanha do Montoro, estávamos na sua campanha para senador. O Chopen sempre tão admirado por todos nós e tão zeloso de nos falar do seu talento e do seu compromisso.

Por isso que você tem esse dom de transmutar um pouco todas as pessoas que aqui estão, fazendo com que a gente possa se lembrar das origens do que nos motivou a estar aqui. E eu concordo muito, Almino, quando foi dito por todos aqui da atualidade dessa pregação e da sua jovialidade – 90 anos e parece um menor de idade.

O Almino nunca abriu mão da capacidade de remar contra a corrente quando necessário for, de ser inquieto do ponto de vista intelectual, de ser capaz de quebrar a ordem vigente para poder inaugurar novos momentos e celebrar a necessidade de mudar e estimular novos comportamentos. Nós gostamos de você, Almino. Nós gostamos do seu jeito de ser, nós gostamos da coerência que é a sua marca registrada e do espírito público que sempre orientou a sua vida. Longa vida a você, Almino Affonso. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE - ROBERTO MASSAFERA - PSDB - Eu tinha preparado um longo discurso, mas aprendi também que às vezes os melhores discursos são aqueles mais curtos. Aristóteles dizia que a política é a arte de procurar o bem de todos. Almino Afonso, ao longo da sua vida, da sua carreira, desde ministro, em 1962, do Trabalho até hoje, segue a máxima de Aristóteles, procurando o bem de todos.

Mas, em cima disso, nós encontramos uma coerência ao longo da sua vida. Nessa coerência inclui a honestidade, o trabalho e o exemplo, e tudo isso com transparência. Então, Almino, você é um exemplo à juventude, à nossa sociedade, e que a política continue sendo a busca do bem comum.

Você é um exemplo a ser imitado, e dizer que nesses tempos dissolutos, onde nosso País foi assaltado, onde a Petrobras foi roubada, onde o Banco do Brasil, BNDES etc. foram assaltados, nós ainda temos gente que serve de exemplo. Você, Almino, é para nós esse exemplo.

Do seu vasto currículo eu tenho duas coisas para ressaltar como engenheiro: você foi secretário de assuntos metropolitanos de Franco Montoro em 1982 e fez naquela época a Lei de Proteção aos Mananciais de São Paulo. É uma coisa muito importante para a cidade de São Paulo, porque você pensou em uma época que não se pensava.

E também queria dizer que em1988 você já era vice-governador do estado de São Paulo, e nós trabalhamos, eu na Secretaria de Ciência e Tecnologia, sob a sua orientação, junto ao Governo do Estado, na emancipação das nossas universidades. E até hoje desfrutam de autonomia, ou bem ou mal, são independentes de qualquer interferência política ou legislativa.

E também naquela época as escolas técnicas, que eram rebotalhos dentro da Educação no Estado, saíram da Secretaria da Educação e foram para o Paula Souza, e a partir de então ela se recuperou, se revigorou, e hoje as nossas escolas técnicas são disputadas no vestibular, nas vagas, e as nossas Fatecs são exemplos.

Desde aquela época, Almino, nós temos evoluído muito nessa área, e também naquele ano de 1988 eu tive a grata satisfação de coordenar seu plano de governo como candidato ao governo estado de São Paulo. Tivemos várias pessoas trabalhando muito e no fim nós não tivemos sucesso, mas ficou aquele exemplo da luz e alegria, estar na luta, na tentativa, no sofrimento envolvido, não na vitória.

Por isso, Almino, essa lembrança de você como exemplo a ser seguido pelas futuras gerações. E você ainda é jovem, tem um futuro aí de mais anos, e temos aqui também nesta Casa Salim Curiat, com 92 anos, dez vezes deputado estadual, deputado federal, prefeito desta capital. Então mais ou menos você vai chegar até os 150.

Eu queria te dizer que a minha mãe está com 101 anos e está procurando um marido, se você quiser, dependendo do dote, nós vamos convidar. Muito obrigado. (Palmas.)

Neste momento, nós vamos outorgar o Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo ao Exmo. Sr. Dr. Almino Monteiro Álvares Affonso.

- É feita a entrega do Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo.

O SR. PRESIDENTE - ROBERTO MASSAFERA - PSDB - E, neste momento, eu convido o Dr. Almino Affonso para que nos dê a sua palavra e os seus ensinamentos.

O SR. ALMINO MONTEIRO ÁLVARES AFFONSO - Meu caríssimo presidente desta sessão solene, digo assim em uma síntese, porque eu poderia dizer muito também a respeito do Massafera. No fundo da alma eu agradeço o seu gesto, porque foi seu e, através da sua iniciativa, agradeço a cada um dos deputados que me honram enormemente concedendo-me esta medalha que eu guardarei como algo que representa uma noite definitiva na minha vida.

Saúdo a você, meu caro Massafera, e a cada um dos membros ilustres que honram esta Casa, a Mesa e a cada um dos que aqui estão, figuras as mais diversas tantas, com títulos próprios, com história própria, com grandeza própria.

Não é fácil para quem que de repente, como hoje aqui, eu me veja em um grande embaraço de como realmente poder expressar, com toda força da alma, o agradecimento eu diria nominal, a cada um dos que aqui estão. Não posso fazê-lo, primeiro porque, apesar de eu me honrar de ter memória razoável, não chegaria a tanto a minha memória neste instante. Segundo, porque eu recriaria que, ao me entusiasmar, eu de repente voe no tempo e não sei quando pararia. Eu acho que o bom senso em certas horas precisa predominar.

Em nome deste bom senso aceitem como eu tenha feito esta homenagem nominal, a cada um dos que a que aqui estão, e daqueles que, não estando aqui, estão pela presença de cada um dos meus ilustres amigos e dessas lideranças admiráveis que aqui estão.

Vejo uma presença bem significativa da mulher. Lígia, minha senhora que está lá no céu, há de perdoar-me, mas eu não posso deixar de dizer o quanto me encanta uma presença significativa da mulher nesta noite. Saúdo a todas através da nossa prefeita, que também eu a conheço desde há pouco, mas tem uma história de tal maneira casada, harmonizada com tudo que nós pensamos e tentamos realizar na vida e eu acho que sintetizo ao referir-me a ela.

Mas o que eu posso na verdade dizer, meu caro Massafera, sobre esta noite tão marcante para minha vida é de que no mais profundo de minha alma há uma disparidade entre a homenagem que estou recebendo com o título de honra desta Casa, que representa o povo, como o presente deputado de Santa Fé do Sul fez no seu brilhante discurso de introdução. O que eu posso dizer se não dessa disparidade que é a homenagem que recebo e a razão de ser dela.

Irei sendo medianamente o que cada um na sua palavra generosa disse de mim. Tomara pudesse dizer sim. Não consigo fazê-lo, salvo que resvale para alguma coisa não muito honrada, ou seja, a chamada mentira. Não posso dizer isso.

O que eu posso dizer é que, em realidade, não sou eu quem tem direito a receber a medalha que estou recebendo. O que cabe a mim, assinalaram tanto os meus 90 anos que não me alegra. Se a medicina tivesse avançado o suficiente com uma conquista extraordinária e eu pudesse bater à porta desta figura extraordinária que seria esse médico extraordinário, eu diria:

“Arranje uma dose de não sei o quê, que eu volte aos meus 30 anos”. Esta seria uma noite realmente genial. Mas parece que a medicina não chegou a tanto. E como não, tive que ouvir reiteradamente como algo da maior significação eu estar, eu diria, na antevéspera dos 90 anos.

Iso foi ressaltado, mas eu quero ressaltar um outro aspecto. Sou eu, meu caro Massafera, sou eu, meus prezados amigos todos, tantos e tantos amigos aqui nas mais diferentes etapas da vida, que também seria da minha enorme alegria referir-me um a um. O que eu posso dizer em realidade é que eu sou um grande devedor. Como é possível que, neste instante tão significativo para mim, as emoções não se atoplem e eu não possa dizer o quanto eu devo a São Paulo.

Eu cheguei aqui em 1950, eu tinha 20 anos. Aí não tenho alternativa, porque como faz aritmética é evidente que está às vésperas dos 90, lamento que os cálculos sejam tão naturais e eu me engane. Mas a verdade é que cheguei aqui no dia 20 de janeiro de 1950, vim porque quis fazer a Faculdade de Direito de São Paulo, a nossa casa que Flávio e tantos aqui a ela se referindo com tanto carinho. Vim do extremo do País, do Amazonas. Se eu quiser ser honesto, até das minhas raízes, o Rio Madeira, na cidadezinha que meu avô plantou há mais de século, chamada Humaitá. Era de lá, ou era de Porto Velho, de Manaus. Era no Amazonas.

Foi de lá que eu vim. Vim para fazer faculdade em São Paulo. Esta é a razão de ser. Chego e, de imediato, como não lembrar, minha primeira vez em que eu fui à Faculdade de Direito, entrei naquele pátio que depois, durante tantos e tantos anos, foi um centro não só da minha geração, mas das continuadas gerações de protestos, de reivindicações, de grandeza. O pátio ali estava e passei a observar algo que não pôde ser esquecido para mim, é que ali tudo havia uma história viva, literalmente viva. Eu trazia na minha história distante do Amazonas a leitura de algo muito significativo para a história cultural deste País, os grandes poetas: Álvares de Azevedo, Castro Alves, Fagundes Varela. Eu trazia.

A minha geração no Amazonas, na época, era o que tínhamos de diversidade cultural. Mas eu não tinha a mesma coisa do que eu vi ao chegar nas arcadas, porque ali não era uma página escrita do historiador, era a vida da realidade do que São Paulo viveu com cada uma daquelas figuras. Eu sou de uma geração que sabe de cor Castro Alves. Ali, dentre tantos que estão aqui, poetas, eu vejo a Renata Pallottini que, já, já pode disputar comigo quanto poderemos falar ou não falar de cor os grandes poemas de Castro Alves. Mas uma coisa era sabê-lo de cor, tendo lido; outra coisa era chegar à Faculdade de Direito e dizer para mim: “Aqui, nesta casa, um jovem de 18 para 19 anos de idade; fora daqui, um baiano que chegou e depois declamou dois poemas marcantes da história dele e da história da literatura brasileira – “O Navio negreiro” e “Vozes d’África”. Porque são dois poemas tão imensos na revolta contra aquilo que predominava e que ainda predomina, se analisar a África. Aquilo que era uma leitura para mim. Não, ao chegar aqui era vida que estava na faculdade, de todos os lados.

Não foi só Castro Alves que me fez essas lembranças. Álvares de Azevedo, quem na minha geração lá no Amazonas não tinha lido Manuel Antônio Álvares de Azevedo, um juvenzinho de 19 anos, foi um grande poeta que se antecipou a tantos e maiores depois. Ali estava, mas você passava adiante e via uma placa: Rio Branco. Rio Branco é um nome como tantos, um nome que está na história. Para mim não era, porque Rio Branco era uma figura que tinha tido um papel da maior significação como ministro das Relações Exteriores, no episódio da Revolução do Acre, que, pela luta de homens do povo, trabalhadores do povo e uma grande figura de líder gaúcho, conquistamos para ser parte do território nacional. Foi uma luta bárbara, pesada. Vencemos pelas armas, chegamos a prender, eles, o presidente da Bolívia. Detalhe: isso se consolida quando Barão do Rio Branco, através do Tratado de Petrópolis, consolida o Acre como terra deste nosso País.

Então eu ouvia Rio Branco, Rio Branco não era um nome, era uma história da região de onde eu vinha. A Estrada de Ferro Madeira-Aimoré nasceu desse tratado, e Porto Velho, uma outra cidade admirada, nasce disso tudo. Eu ouvia Rio Branco e tinha outra dimensão na vida.

E se eu lia, como era possível ler, e qualquer um de nós já terá lido, quantas vezes, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco. Deus do céu, como era possível lê-los e não sabia a história do País viva que ambos representavam. História que eles haviam vivido juvenzinhos ainda na nossa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Chego nessa Faculdade que eu estou tentando, de maneira quase esquemática, recordar e me dou conta de repente que ali, um monumento dedicado aos que foram heróis nossos na Revolução de 1932. Ali estavam os que lutaram e morreram. Os nossos heróis - 1932. E ali a placa relembrando, é verdade, os versos de Tobias Barreto: “Quando se sente bater no peito heroica pancada, deixa essa folha dobrada enquanto se vai morrer”. É um verso de Tobias Barreto, eram versos que nós cantávamos nas chopadas.

Mas ali me fez de repente lembrar de algo que esparsamente eu tinha ouvido nos meus tempos de estudante em Manaus, quando eu tive um professor de história do Brasil. Professor Geraldo Silva, paulista, que um dia tinha nos falando em uma roda o significado da Revolução de 1932. Para mim então aquilo não era abstrato, eu tinha lembranças. Mas me parecia pouco, pobre. Bati às portas do grande Museu do Ipiranga. Nos seus departamentos, a história toda da Revolução de 1932, coisa que não era banal para mim, porque, naqueles tempos, a Revolução de 1932 para o País, pela forma como o Getúlio Vargas se portou, já havia sido uma insurreição para a independência do Brasil.

E naqueles documentos que eu vi, boletim por boletim, no grande Museu do Ipiranga, havia prova provada da luta real que São Paulo havia tido e da redemocratização do País. Permitam-me que eu lhes diga que foi tudo isso para mim uma lição de democracia definitiva, quer dizer, de repente um povo que, em nome de ideias, em nome de um objetivo democrático, quase abstrato, é capaz de ir à luta e dar a sua própria vida em nome disso, como uma história tão definitiva, com um compromisso, que me permitam que eu diga, eu agradeço a São Paulo por ter aprendido isso.

Eu vou além: foi nessa Faculdade que a luta pelo petróleo, que foi aqui relembrada por tantos dos oradores que me honram com suas palavras, a nossa Faculdade de Direito teve um papel na luta em nome do monopólio estatal do petróleo, vale dizer da Petrobras, que é algo marcante na história deste País. Na nossa escola, logo mais na União Nacional dos Estudantes, meus amigos, minhas amigas, perdoem-me que eu diga isso, porque sou de uma geração para a qual a Petrobras foi algo além de uma empresa, foi um símbolo da independência deste País. Foi um símbolo em nome de um amanhã que ainda hoje nós lutamos por ele, embora a Petrobras a que me referi nem sei se sobreviveu devidamente a tanta corrupção que inundou este País, eu diria quase a sufocou em definitivo.

Mas esta história não se apagará da nossa Faculdade de Direito. Isso também é marca para mim e eu devo a São Paulo. Eu recebi isso nessa luta na escola, da centenária mais que escola do nosso País, que nasce cinco anos depois da independência do Brasil. Essa era uma luta que tinha, além da lição de 1932, a lição de compromisso com o amanhã da pátria através de algo claro, explícito, que foi a luta pela Petrobras. Foi São Paulo que me deu isso.

No Amazonas já havia, mas não na dimensão que passou a haver em São Paulo no movimento estudantil, em seguida, em vários ramos, um papel enorme na criação da Petrobras. Poderia citar várias figuras extraordinárias, se não me alongo. Quero dizer é que esses dois episódios não são fatos de uma crônica de vida, são fatos que estão aqui no mais profundo da alma

e isso eu tive de São Paulo, não é abstrato. Eu recebi aqui, eu engrandeci isso em mim.

Eu posso passar um tempo, um pouco assim só para não ter o receio de além do razoável na minha arenga, eu posso dizer que em certo momento passam-se os anos, o País atravessa, volta, vem o golpe de 64. As circunstâncias me levaram ao exílio, 12 anos de exílio. Mas quando eu volto, eu volto para São Paulo, as raízes fincadas outra vez em São Paulo. Já entro com a minha família, e os filhos estão aqui, e depois vêm os netos, eu volto a São Paulo, e São Paulo, em um certo momento, quando o processo democrático avançava mais e havia o esboço do começo da democratização, e foi lembrado aqui, inclusive, em mais de um momento pelo Barbieri, eu sou, perdoe-me, eu diria convocado por certos setores e me lanço candidato ao Senado da República por São Paulo, isso em 1982, é o mesmo período da luta do Montoro chegando a governador.

Eu perdi a eleição em termos numéricos. Alguém ganhou, deve ter sido válido o direito dele ganhar. Tenho cá as minhas dúvidas e eu acho que o direito a algumas queixas, mas isso eu apago porque a noite não é para isso, a noite é para alegria e gratidão.

O fato é que eu não venci nas urnas, mas eu recebi um milhão e 500 mil votos em São Paulo, tendo passado 12 anos fora do País, no exílio, não tendo tido uma militância eleitoral em São Paulo antes. Um milhão e 500 mil votos, digam-me se o cidadão que recebeu isso, em uma doação espantosa do povo, em uma generosidade incrível. Eu recebi e estou recebendo hoje esta medalha que me honrará para sempre, não tenho o direito de dizer-me como a mereço se sou eu que devo a esta terra, sou eu que devo a esse povo.

Não me elegi, mas por circunstâncias generosas, o governador Montoro me convidou para ser membro do seu secretariado, aí eu fui membro da chamada Secretaria dos Negócios Metropolitanos. Era um fato totalmente inovador para mim. Eu participei, foi uma experiência notável na aprendizagem, na relação direta com problemas sociais imensamente importantes e quase sempre omitidos, como é o problema do transporte coletivo popular. É muito ainda aquém do que o País precisa, do que o povo necessita. Eu diria que me entreguei à paixão desse tema. Trabalhei e trabalhei. Mas mereci tanto? Não sei. O fato é que, de repente, um gesto de generosidade. A Câmara Municipal de São Paulo, por iniciativa do vereador Edson Simões, propõe um projeto de lei municipal e me outorga o título de Cidadão Paulista.

Meus amigos, saibam, eu sou cidadão paulistano. Não nasci aqui, a minha raiz está vinculada pelos meus avós lá no Rio Grande do Norte, pelo avô maternos, no Amazonas. Mas as raízes aqui? Eu não tive esse privilégio. Mas eu sou cidadão paulistano porque a Câmara Municipal de São Paulo me outorgou esse título, e eu o tenho.

Ficou nisto? Não. Talvez pelo trabalho coletivo, no qual eu apenas fui um dos participantes, o trabalho em região metropolitana, município por município, eu diria, e aqui estão comigo vários amigos que participaram comigo nesse período, vários homens e mulheres estão aqui e participaram comigo. Eu diria, meu caríssimo Massafera, que praticamente todos os municípios da Região Metropolitana me outorgaram o título de cidadão local, um a um.

Eu posso hoje receber esse título de grandeza e dizer que sou eu que estou sendo porque fiz? Deus do céu, eu estou recebendo aqui para dizer o quanto eu devo à grandeza de São Paulo, pois eu sou cidadão de não sei quantos municípios de São Paulo, da Região Metropolitana. De repente está faltando na memória e procurar e encontrarão, município por município.

Mas eu adorei outras dimensões e tive um trabalho político bastante forte na região da Baixada Santista. Perdoem-me, bata à porta na Região Metropolitana de Santos. Começemos em Santos: olho à direita, aquelas praias maravilhosas; olho à esquerda, aquelas praias maravilhosas. Raro é um município na Baixada Santista em que eu não sou cidadão daquela cidade. Até um ponto que durante muito tempo diziam: “Senador da Baixada”. Era meu título, e aqui está o nosso Jardim rindo, supondo que está concordando que a minha relevância não é memória pura, é verdade.

Fui então cidadão da região de Santos, uma região que tem uma história política em São Paulo da maior relevância, a começar pela independência deste País. E eu estou vendo aqui a minha querida Ana Maria Martins, que poderia falar disso com a sabedoria que eu não tenho. Santos é José Bonifácio de Andrada e Silva. A independência do Brasil foi Dom Pedro que puxou, é um gesto importante, mas quem articulou isto em grande parte chama-se José Bonifácio de Andrada e Silva, santista, pois era cidadão da Baixada Santista.

Sou eu ou é o que eu recebi da história desse Estado?

Como não ganhei para o Senado, como fiquei na Secretaria, já lhes disse que virei cidadão paulistano e virei cidadão de vários municípios da nossa região. Mas isso não ficou nessa área, porque há um momento – e é tão fantástica a vida da gente de repente aflora e não se sabe direito como é que aflora, mas aflora. O fato é que foi nascendo a hipótese de eu ser candidato a vice-governador de São Paulo. A título do quê? Onde a raiz para? Eu quero lembrar uma figura notável da Bíblia, Salomão, que diz: “Vanitas vanitatum et omnia vanitas”. Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade.

O fato é que por conta da vaidade ou de uma aspiração honrada eu me transformei em candidato a vice-governador. Como fui ou como as coisas ocorreram seria longo referir-me. Mas virei vice-governador de São Paulo, o caboclo do Amazonas, nascido à margem do rio, na minha cidadezinha de Humaitá. A minha origem está ali.

Pulo no tempo e vou ver meu avô lutando pela abolição dos escravos em todo Nordeste. Um homem do Rio Grande do Norte, do sertão do Rio Grande do Norte. As raízes estão ali. Como eu viro candidato a vice-governador de São Paulo, onde eu não tinha essas raízes? Disparates, circunstâncias. Eu virei vice-governador de São Paulo. E como lei é lei, como a Constituição bem ou mal era respeitada, não sei se hoje está certo ou se será, aí são perguntas que eu não quero trazer para cá por razões respeitáveis de toda a índole.

Mas, de toda maneira, o fato é que eu tinha o título de vice-governador. Meus amigos, cinco vezes eu assumi o Governo do Estado. Numa das vezes, ao longo de um mês, não posso esquecer do jantar que eu tive que fazer para uma figura internacional que passou por aqui. Estamos eu e minha mulher, a Lígia, era do interior do Pará, eu do interior do Amazonas, mas ali eu era o governador, minha mulher, a primeira-dama. Olho para trás, lembro-me desse instante de grandeza que eu vivi ali e digo: “Deus do céu como estou recebendo essa medalha se sou eu que devo, se sou eu que recebi, sou eu que tenho o dever de dizer aqui ‘Graças!’”

Observem que eu poderia alongar-me enormemente em cada um desses episódios, porque eu já vivi até quase 90 anos, e esses lapsos de tempo, de alguma coisa, eu estava vivo. Portanto, há várias coisas que, de fato, ocorreram na minha história.

Há um instante em que as coisas mudam ou não mudam. O Fernando Henrique via presidente da República, eu fui eleito deputado federal, vice-líder do presidente da República no Parlamento, divergindo imensamente. Mas esse fato de que eu fui vice-líder do governo no Parlamento está escrito, eu não posso dizer que não houve. Mas era São Paulo. Fernando não é de São Paulo, vem de longe, mas já cresceu aqui, tinha outros títulos, eu não tinha esse título, mas tenho porque vivi. Foi representante de São Paulo na Câmara Federal, no nosso Parlamento.

Tenho mais a dizer? É tão curioso que tenho, mas paro. Paro em nome do respeito a cada um, ao direito ao repouso e a outras alegrias da vida, mas não podia deixar de dizer o que disse ainda que meio atropeladamente, só para que a tese fundamental fique aqui assentada.Acho discutível título, porque

esse título vai além do que eu sou. Sou eu que tenho o dever de vir aqui dizer: “Graças a São Paulo”. Está acontecendo o oposto, é um paradoxo.

Há um momento na vida de Rui e do Joaquim Nabuco quando se disputava no País da empresa etc., quem representaria o País no Congresso de Haia, na Conferência de Haia. Dividiu-se o País pró Rui, pró Joaquim Nabuco. E ambos, por grandeza pessoal, dizer é Rui, ele é Joaquim Nabuco. E há uma carta de Joaquim Nabuco ao Rui, que em certo instante ele recusando e ouvindo sua proba alma por quanto o Rui publicamente o punha nas grandezas, disse uma frase que eu não me engano foi exatamente assim: “Só os que são grandes podem dar de si sem se despojar”. Eu acho tão fantástica essa forma, não a frase em si, mas esta maneira de viver a vida como: “Há tantos que nos dão porque são grandes e são tão grandes e não se diminui por isso”. É o que Nabuco disse a Rui Barbosa.

Eu quero dizer aqui, meu querido Massafera, eu quero dizer a cada um dos membros à Mesa, eu quero dizer aos deputados desta Assembleia admirável, eu quero dizer a quantos me ouvem aqui, paulistas de raiz, de chão fincado – não é porque veio uma lei municipal –, raiz de chão fincado, eu quero dizer a todos isto: “Só os que são grandes podem dar de si sem se despojar”.

É o resultado disso, porque, Massafera, que é grande, é uma figura admirável, com meu profundo respeito e admiração, como eu diria de cada um dos oradores que me deram gentilezas e gentilezas. Eu diria com absoluta verdade, tudo que me deram são grandes e não se despojam porque são grandes. É o que eu quero dizer no mais profundo de minha alma. Tudo o que hoje aqui comprova, esta frase admirável de Nabuco a Rui: “Só os que são grandes podem dar de si sem se despojar”.

Eu não posso terminar, o quanto eu devo de gratidão à São Paulo, sem dizer algo que está bem lá no fundo da alma. É que aqui eu plantei a família, aqui fiz meu curso de Direito – Lígia, minha mulher, fez seu curso de Direito em Manaus –, as circunstâncias, não importa aqui relevar ou relembrar.

Terminamos fazendo o assentamento da nossa raiz familiar a partir do primeiro filho, que é o Rui, mas posteriormente os sucessivos filhos no Rio, em Brasília, o golpe, o exílio, a volta. A nossa família se plantou aqui. Então, a minha família hoje é por natureza legitimamente paulista, cresceram aqui. Cresceram na universidade da USP, na universidade de Campinas, na universidade privada, tantos e tantos colegas do setor da infância, da adolescência.

A minha família cresceu na sua dimensão e, perdoe-me a vaidade, é uma família com méritos. Eu teria alegria em poder relembrar um a um os méritos de cada um. É uma família que tem a sua qualidade não por mim, pelo valor de cada um. Isto é São Paulo. Quem me deu isto fui eu? O acaso? Não, foram as circunstâncias todas que eu estou falando.

Portanto, a dívida não é só minha, já é uma dívida histórica da família para com São Paulo. Esses fatos que eu digo, situando a doação de São Paulo para com o cidadão, pelo licença para dizer que não é um fato isolado, porque São Paulo tem, e eu não sei de outro estado que tenha na mesma dimensão, no seu Brasão uma legenda: “Pro Brasilia fiant eximia”. Simples a tradução: “Pelo Brasil faça-se o melhor”. É o Brasão de São Paulo que diz, ou seja, é um compromisso histórico que São Paulo assume para com o País. Portanto, quando ele é capaz de fazer isso com o símbolo de sua história é compreensível que faça isso ao nível do varejo. E, de repente, os que por acaso passam, vindo do extremo Norte, vindo do Nordeste, vindo de Minas – e são tantos os que vêm –, vindo do Rio Grande, não importa, São Paulo doa a cada um; porque ele, em si, assume em nome do País como um todo, acaba assumindo a generosidade para cada um de nós.

Meu amigo Massafera, meus amigos que me honram me ouvindo e por cada um dos que aqui estão, eu termino dizendo: “Graças, São Paulo!” Graças pela tua grandeza, graças pela tua generosidade, graças por tudo quanto aprendi, algo que eu não sabia que eu aprenderia, algo que eu imaginava ser as minhas raízes nitidamente definidas no sertão do Rio Grande do Norte, das raízes do Amazonas e, de repente, encontro em São Paulo um raiz nova que, não estava no meu programa, existiu e passaram a existir, e passaram a ser minhas por uma decorrência da generosidade.

Graças, São Paulo, por quanto você é grande. Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE - ROBERTO MASSAFERA - PSDB - Antes de encerrar, eu queria aproveitar a presença desta ilustre plateia, principalmente oriunda do Largo São Francisco, advogados e políticos. Eu vi uma notícia recente dos que propagam que a inteligência artificial vai tomar conta de tudo e que cursos de Engenharia e Direito vão ser extintos, serão desnecessários. Mas eu digo que o estudo da Filosofia, que aprofunda o Direito, nunca será dispensável, nunca.

Então vocês, cada um de vocês, quando lerem que a inteligência artificial vai tomar conta, acreditem que nunca irá tomar conta, porque jamais ela vai usar Filosofia, jamais ela vai interpretar Aristóteles, Platão, para fazer os traços do mundo que nós queremos.

E queria dizer a você, Almino, para encerrar, de que Homero na “Ilíada” disse: “Eu sou a consequência das pessoas que eu conheci”. Então eu espero que nós, paulistas, muitos de nós conheçam pessoas como você, que serve de exemplo para todos nós. Muito obrigado. (Palmas.)

Esgotado o objeto da presente sessão, esta Presidência agradece as autoridades, à minha equipe, aos funcionários dos serviços de Som, da Taquigrafia, de Atas, do Cerimonial, da Secretaria Geral Parlamentar, da Imprensa da Casa, da TV Legislativa, e das Assessorias Policiais Civil, Militar, bem como a todos que, com a sua presença, colaboraram para o êxito desta sessão. Muito obrigado.

- Encerra-se a sessão às 22 horas e 14 minutos.

22 DE FEVEREIRO DE 2019 5ª SESSÃO SOLENE DO PERÍODO ADICIONAL - HOMENAGEM AOS SENHORES PROFESSOR DOUTOR LUIZ AUGUSTO CARNEIRO D'ALBUQUERQUE E DOUTOR JORGE MARCELO PADILLA MANCERO COM A OUTORGA DO COLAR DE HONRA AO MÉRITO LEGISLATIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Presidência: DR. ITAMAR RESUMO
1 - DR. ITAMAR Assume a Presidência e abre a sessão.
2 - IZABEL DE JESUS PINTO Mestre de cerimônias, anuncia a composição da Mesa.
3 - PRESIDENTE DR. ITAMAR

Informa que a Presidência efetiva convocara a presente sessão solene, em "Homenagem aos Senhores Professor Doutor Luiz Augusto Carneiro D'Albuquerque e Doutor Jorge Marcelo Padilla Mancero com a Outorga do Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo", por solicitação deste deputado, na direção dos trabalhos. Convida o público a ouvir, de pé, o "Hino Nacional Brasileiro". Destaca a justeza da homenagem a ser prestada nesta sessão. Faz histórico de sua amizade com vários membros da Mesa. Elogia a trajetória profissional e acadêmica dos homenageados. Comenta as ações de Geraldo Alckmin, quando governador, na área da Saúde. Anuncia a exibição de vídeo com depoimentos acerca dos homenageados.